

# TEMPO DE REVOLUÇÃO

02 DE SETEMBRO DE 2021

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DA ESQUERDA MARXISTA, SEÇÃO BRASILEIRA DA CORRENTE MARXISTA INTERNACIONAL (CMI) EDIÇÃO 08

## Cortina de fumaça

**'Se você quer paz, se prepare para a guerra', diz Bolsonaro em evento militar**

**Bolsonaro sobre 7 de setembro: "Nunca uma oportunidade foi tão importante"**

**Bolsonaro diz que há três alternativas: 'ser preso, morto ou ter a vitória'**

**Bolsonaro chama de 'idiota' quem defende comprar feijão em vez de fuzil, e fala repercute**

**Bolsonaro defende voto impresso e diz que 'só Deus' o tira da presidência**

**Horas após derrota do voto impresso, Bolsonaro critica TSE e diz que eleições de 2022 não serão confiáveis**

**Bolsonaro defende voto impresso e diz que 'só Deus' o tira da presidência**

**INFLAÇÃO**

**REJEIÇÃO AO GOV. BOLSONARO**



# Divisões em cima, organizar e mobilizar os de baixo

A crise da agonizante Nova República ganhou novos capítulos no último período com o acirramento de conflitos entre o governo Bolsonaro e o Judiciário. Acuado diante das debilidades de seu governo, das possibilidades de investigações e eventual prisão – isto é, das constantes ameaças para que Bolsonaro siga a agenda da burguesia e, ao mesmo tempo, não inflame mais a situação com suas declarações – o atual presidente da República aposta na sua corriqueira tática de lançar a cortina de fumaça, tornando agora o 7 de Setembro uma data de disputa, para reagrupar sua base.

## O que está por trás de tudo isso?

Enquanto a burguesia vende uma imagem de que a pandemia da Covid-19 está superada, com a média diária de mortos em queda e a chegada das vacinas adquiridas no semestre passado (apesar das incertezas trazidas pela chegada da nova variante Delta), o mesmo clima de “tranquilidade” não pode ser vendido diante do recuo do Produto Interno Bruto (PIB) de 0,1% neste 2º trimestre e do encarecimento da vida do trabalhador brasileiro. Comida, gasolina, gás, energia, tudo está mais caro e a perspectiva é que a situação apenas piore.

A inflação de agosto deste ano teve o seu valor mais alto desde maio de 2016. O Índice Nacional de Preços ao

Consumidor Amplo (IPCA) – que tem por objetivo medir a inflação de um conjunto de produtos e serviços comercializados no varejo – chegou a 8,99%. O preço médio da gasolina comum chegou a R\$ 5,99 no fim de agosto e passa de R\$ 7 em alguns estados. Os já precarizados trabalhadores por aplicativos (Uber, 99, iFood) que ainda não desistiram já pensam em parar de trabalhar diante da impossibilidade de arcar com custos de combustível e manutenção dos seus veículos.

O aumento dos combustíveis impacta no preço do transporte público, do frete e, consequentemente, no custo das commodities agrícolas (milho, açúcar, carne, café, laranja), que por serem cotados em dólar já sofreram reajustes consideráveis no último período. O aumento do dólar também encarece ainda mais as commodities no país pelo fato de ser mais lucrativo vender para o mercado externo do que interno.

Além disso, na última terça-feira (31/8) foi confirmado o aumento da conta de luz em 50% do valor da bandeira vermelha, passando de R\$ 9,49 para R\$ 14,20 a cada 100 quilowatts-hora (kWh) consumidos.

Se isso já é ruim para a vida dos trabalhadores, o impacto é muito pior para os 14,76 milhões de desempregados (14,7% da população ativa do país), dado que não considera os 5,9 milhões de “desalen-

tados”. Desde abril de 2020, foram 3,3 milhões que perderam seus empregos. Um dos resultados de toda esta situação (aumento de preços, desemprego) são os 49,6 milhões de brasileiros que sofrem de insegurança alimentar, um eufemismo para a fome.

Os empresários envolvidos na produção do manifesto “pela harmonia dos poderes” compreendem o que esta situação significa e por isso tentaram articular uma “trégua” entre STF e Executivo pedindo “serenidade, diálogo, pacificação política, estabilidade institucional”. Está muito fresco na memória da burguesia o que foram os eventos recentes no Chile, no Paraguai, na Colômbia, no Peru, para citar apenas os desdobramentos na luta de classes dos vizinhos latino-americanos, que não é diferente no restante do mundo.

## Um governo débil, as divisões das instituições burguesas e da própria classe dominante são sinais da crise do próprio capitalismo

O problema para a classe dominante é que a instabilidade é tão grande que até entre os empresários que queriam a “paz” começaram os conflitos, aparecendo rugas entre a Fiesp (com o seu principal representante, Paulo Skaf, mais ligado a Bolsonaro) e os banqueiros que se reúnem na Federação Brasileira de Bancos (Febraban).

A situação política nacional possui suas características particulares, mas é fruto do que ocorre no mundo. Nos EUA, Joe Biden atingiu seu pior nível de popularidade desde a posse em janeiro, o que



pode ser explicado pela desastrosa retirada dos EUA do Afeganistão, pelo novo aumento dos casos de Covid-19, mas também pela estagnação econômica que vive o país. Apesar dos anúncios de Biden da retomada do emprego, o que há realmente é a criação de novas vagas no setor improdutivo da economia (artes, entretenimento, hotéis, bares e restaurantes, educação pública e privada) que voltaram a funcionar com a reabertura do país após a vacinação de mais da metade da população, enquanto que nos setores produtivos (manufaturas, construção civil, equipamentos de transporte, máquinas e equipamento etc.) o crescimento de novos postos de trabalho no mês de junho foi próximo de zero.

## Os marxistas e o 7 de Setembro

Aproveitando o caráter nacionalista que pode dar para a data, Bolsonaro, o lambe-botas do imperialismo norte-americano, busca usar o dia 7 de Setembro para:

• *Tentar diminuir sua rejeição, que bateu o recorde de 64% (de acordo com o PoderData);*

• *Manter a sua base mais fiel, que também sofre com a degeneração econômica do país;*

• *E se impor diante dos conflitos com os demais poderes.*

Mas esta data também já foi utilizada pela esquerda como um dia de luta contra o imperialismo e pelas reivindicações da classe operária. Neste ano não deveria ser diferente, o “Grito dos Excluídos” deveria ser organizado pelas direções da classe trabalhadora e da juventude como um dia de combate para pôr abaixo o governo Bolsonaro. No entanto, o que se observa até o momento são chamadas estereis por parte da CUT, do PT, do PSOL sem mobilizar de fato a base.

Um governo débil, as divisões das instituições burguesas e da própria classe dominante são sinais da crise do próprio capitalismo e somente a mobilização da classe trabalhadora e a luta pela derrubada deste governo pode abrir uma perspectiva que favoreça aos explorados. Esse deveria ser o papel das direções da classe trabalhadora.

A Esquerda Marxista estará presente no 7 de Setembro, lutando junto aos Comitês de Ação “Abaixo Bolsonaro Já”, difundindo o manifesto “Abaixo o Governo Bolsonaro! Por um Governo dos Trabalhadores Sem Patrões Nem Generais!”. Venha fazer parte dos nossos blocos, conheça a Esquerda Marxista e junte-se a nós!

# Encontro Nacional do Movimento Mulheres pelo Socialismo: lutar pela emancipação da mulher trabalhadora

| Mulheres Pelo Socialismo

No dia 25 de setembro o Movimento Mulheres pelo Socialismo (MPS) irá realizar mais uma atividade nacional. A primeira aconteceu em 6 de março e discutiu o direito ao aborto como reivindicação da classe trabalhadora. Foram apresentadas as conquistas das mulheres na Revolução Russa, a luta pelo direito ao aborto em diferentes países como Argentina, EUA e Itália, bem como a importância da luta pelo Fora Bolsonaro Já para as mulheres trabalhadoras. No encontro de setembro, o objetivo é compartilhar experiências, relatar atividades, estudos e nossa intervenção junto às mulheres trabalhadoras nos diferentes núcleos em todo o país. Também será retomada nossa [Plataforma política de luta pela emancipação da mulher trabalhadora](#), articulando com a necessidade de construção de um 8 de março de 2022 capaz de demonstrar a força da classe trabalhadora organizada.

Desde o início do governo Bolsonaro, o MPS tem construído atividades, par-

ticipado dos atos de rua e comitês que buscam organizar a classe trabalhadora pelo Fora Bolsonaro Já. Entendemos que esse governo reacionário nada tem a oferecer às mulheres trabalhadoras, que são atacadas por Bolsonaro desde antes da sua eleição à presidência. Temos buscado construir um movimento para sua derrubada, por um governo dos trabalhadores, sem padrões nem gerais. Entendemos que, se a classe trabalhadora está apostando suas fichas nas eleições do ano que vem, a culpa é das direções das organizações dos trabalhadores que não se colocaram, de fato, contra esse governo, reforçando as ilusões das suas bases no campo eleitoral.

Nossas reivindicações pelo direito ao aborto público, gratuito e para todas, por salário igual, educação, saúde, contra a violência, ampliação das licenças maternidade e paternidade e por uma previdência pública e gerida pelos trabalhadores não serão atingidas somente através da substituição do governo dentro desse siste-



ma. É preciso compreender que a luta pelos direitos das mulheres é importante dentro do capitalismo mas que nenhum deles está garantido sob esse sistema, e que nossa emancipação só será real em uma sociedade sem classes, sem exploração e sem a propriedade privada dos meios de produção.

Ao longo de um ano e meio de pandemia, mantivemos nossas atividades online, debatendo o desastroso papel do governo federal que levou à morte de, até agora, quase 600 mil

brasileiros, ao agravamento da violência contra a mulher dentro do ambiente doméstico; ao aumento do desemprego e da miséria que assola, de forma particularmente grave, as mulheres trabalhadoras; às péssimas condições de trabalho na saúde e na educação, frente às quais as mulheres são maioria. Vemos como a pandemia desnudou a barbárie capitalista na qual vivemos, e a anarquia que rege a busca pelo lucro, mesmo que isso signifique a morte de milhões em todo o mundo.

Mesmo diante da crise sanitária, os ataques à previdência, aos direitos trabalhistas, à educação, ao meio ambiente, e as privatizações seguem à todo vapor, demonstrando o papel que esse Estado cumpre dentro

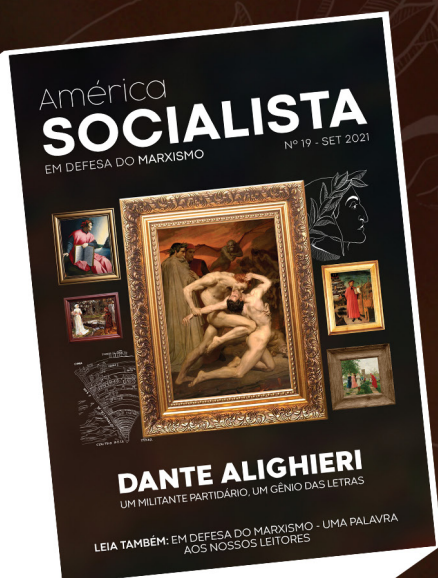
do sistema capitalista. E somente a retomada da nossa organização como classe, a retomada das ruas, serão capazes de barrar esses ataques, derrubar esse governo e colocar na lata de lixo da história todos os grupelhos bolsonaristas que tiveram a coragem de demonstrar toda podridão da moral burguesa mais reacionária.

Por isso temos construído núcleos do MPS, organizado atividades com debates e estudos de textos marxistas, a fim de instrumentalizar nossa luta, compreendendo o papel das reivindicações transitórias e da importância da nossa organização como classe trabalhadora, combatendo o pessimismo e as ilusões reforçadas, tanto pelos reformistas, quanto pelas teorias identitárias.



**Inscreva-se aqui!**

*Clique, inscreva-se e participe do Encontro Nacional do Movimento Mulheres pelo Socialismo, que ocorrerá no dia 25/9 às 15h.*



**A REVISTA AMÉRICA SOCIALISTA - EM DEFESA DO MARXISMO ESTÁ CHEGANDO!**

**LANÇAMENTO EM SETEMBRO!**

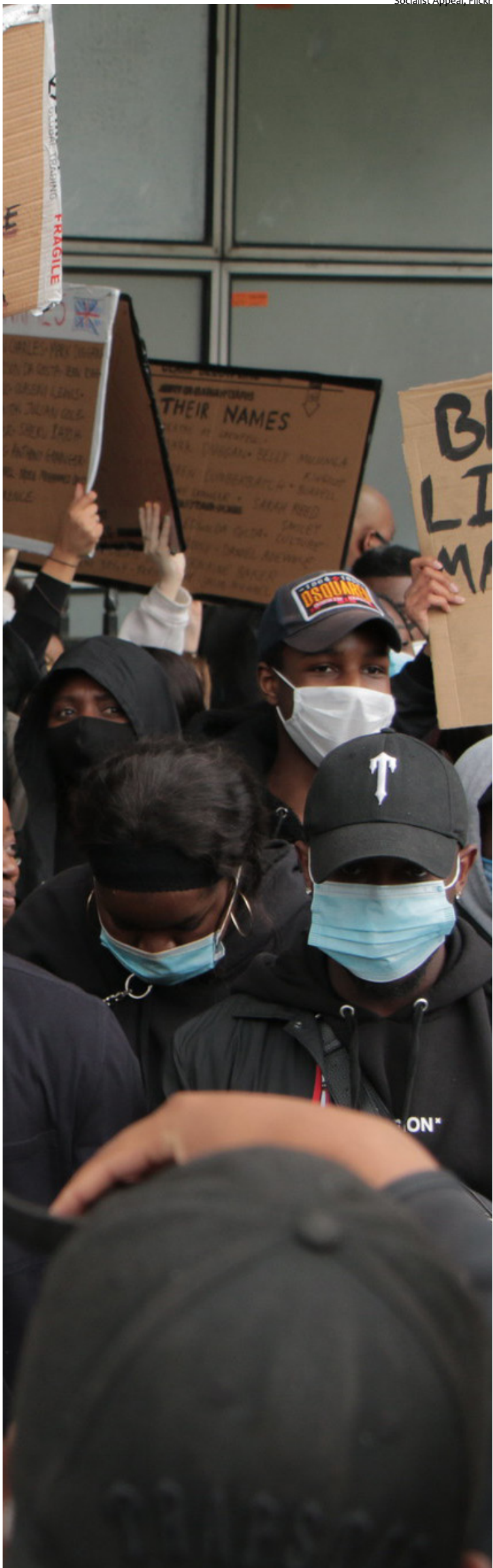
**AJUDE-NOS DIVULGAR,**

**FIQUE DE OLHO NAS NOSSAS REDES SOCIAIS!**

CLIQUE E ADQUIRA  
A SUA JÁ  
(PRÉ-VENDA)



Socialist Appeal, Flickr



# Atividade marca um ano da campanha Ser Negro não é Crime

| Almir da Silva Lima

No dia 25 de agosto foi realizada uma [atividade on-line](#) de um ano da campanha nacional antirracista e anticapitalista "Ser negro não é crime!". Deflagrada em agosto de 2020, esta é uma iniciativa do Movimento Negro Socialista, impulsionada pela Esquerda Marxista, seção brasileira da Corrente Marxista Internacional.

O MNS tem entre suas bandeiras e princípios ser antirracista. Ou seja, lutar contra a teoria pós-moderna, fundamentalista e cientificamente refutada da existência de "raças" humanas. Além disso, possui o desafio imediato de combater pela consigna "Abaixo o governo Bolsonaro já! Por um governo dos trabalhadores sem patrões nem generais!".

Isto porque, fica claro que o desgoverno em questão é racista e que oprime o majoritário segmento social de negros existente neste país. É urgente que ele seja derrubado do poder, sem esperar as eleições de 2022, sobretudo no cenário de pandemia, com a morte de cerca de 600 mil pessoas, em maioria trabalhadores negros.

Esperar 2022 é compactuar com a falta de ações deste governo para combater a pandemia da Covid-19, é aceitar a continuidade da repressão e o assassinato de negros todos os dias nos bairros proletários.

Ao mesmo tempo, a hipotética volta ao poder de um falso governo dos trabalhadores significaria, na verdade, a repetição de um renovado "governo de coalizão", isto é, um governo de colaboração e conciliação de classe com a burguesia no Brasil. Um governo a

serviço dos capitalistas, que exploram, oprimem e dominam o conjunto da classe trabalhadora.

Lembremos que nos governos do PT vimos graves ataques à dignidade dos negros: a prisão sem bases jurídicas de Rafael Braga; o envio das tropas brasileiras para a intervenção militar criminosa no Haiti; a ocupação militar da Maré e as UPPs; a criação de leis de repressão, como a Garantia de Lei e da Ordem e Lei Antiterrorismo; um aumento exponencial do assassinato da juventude negra e o sucateamento da educação pública em contraposição a um aumento exponencial dos investimentos nas redes particulares de ensino. Ou seja, um governo que favorecia os patrões e generais, em desfavor dos trabalhadores.

**Por tudo isso, torna-se ainda mais necessário defender as bandeiras do Movimento Negro Socialista, seguir na construção da campanha "Ser Negro Não é Crime!" e na luta para pôr abaixo o governo Bolsonaro já**

Não resta dúvida de que os dirigentes que se furtam do combate ao governo Bolsonaro agora tentam vender a ilusão de

um passado glorioso. Mas, no fundo, eles defendem a repetição, por exemplo, das ações da Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial, que não apresentava solução para as principais mazelas que afetam os trabalhadores negros, como desemprego, fome, doenças, negação de acesso à educação, moradia digna, esporte e lazer.

Ou seja, defendem o retorno de uma política de governo que não apresentava a necessidade de combater o capitalismo, mas que, pelo contrário, aceitava a condição de desigualdade e racismo da sociedade dividida em classes, e defendia uma solução "individual", em que cada negro deveria lutar por "oportunidades", mesmo que fosse necessário se colocar contra seus próprios irmãos trabalhadores (negros e não negros).

Por tudo isso, torna-se ainda mais necessário defender as bandeiras do Movimento Negro Socialista, seguir na construção da campanha "Ser Negro Não é Crime!" e na luta para pôr abaixo o governo Bolsonaro já.

*\*Almir é jornalista e macaense, formado no curso de extensão universitária do Sindicato dos Jornalistas profissionais do Município do Rio de Janeiro e iniciou um bacharelado em sociologia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Militante da EM desde 2000 e um dos fundadores, em 2006, do Movimento Negro Socialista. Membro-responsável pelo GT de combate ao racismo, capitalismo e imperialismo do diretório municipal do PSOL/Macaé (RJ).*

# PREPARAR A JUVENTUDE PARA TEMPOS REVOLUCIONÁRIOS!

*Conferência Nacional da Liberdade e Luta 2021*

No mundo inteiro, está cada vez mais fácil explicar as contradições do capitalismo e a necessidade de uma revolução socialista. A concentração de riqueza de um lado e a crescente miséria de outro, pilhas e pilhas de dinheiro desperdiçado em programas espaciais sem propósito científico, e o desemprego e a fome se tornando a realidade de cada vez mais pessoas no mundo. Os 2.153 bilionários do mundo têm mais riqueza do que 4,6 bilhões de pessoas. Todos esses dados, expostos de maneira fria todos os dias nos noticiários estão levando a que cada vez mais jovens percebam que sob esse sistema não há perspectiva de futuro e que é necessária uma mudança radical. É assim que chegamos à pesquisa realizada pela Harris Poll, publicada pelo Financial Times em 2020, que aponta que 59% dos jovens com menos de 40 anos nos Estados Unidos gostariam de viver em um país socialista.

A recente derrota dos EUA em Cabul e a retirada das tropas norte-americanas do Afeganistão demonstram o cansaço das tropas e de americanos comuns que estão fartos de aventuras militares das classes dominantes, enquanto suas necessidades básicas são deixadas de lado. Jovens e trabalhadores estão fartos de intervenções militares e guerras sem fim que têm como saldo apenas a destruição de milhares de vidas e um grande desperdício de recursos econômicos, aumentando as dívidas e a conta que a classe trabalhadora termina por pagar.

Nem imperialismo, nem Talibã! O povo afegão se levantará através de suas próprias forças e encontrará novamente o caminho da revolução!

A podridão capitalista se expressa também no conjunto de fenômenos climáticos

que estamos vendo ao redor do mundo. Queimadas criminosas, desmatamento em favor do agronegócio, poluição do ar, dos rios e mares, enchentes cada vez mais violentas, ondas de calor e ondas de frio cada vez mais intensas, crises hídricas etc. Tudo isso decorre da incapacidade do sistema capitalista de utilizar os recursos naturais de maneira harmoniosa com a natureza e para a satisfação das necessidades humanas.

No mundo inteiro, a pandemia piorou a condição de vida das mulheres trabalhadoras, que têm seus salários

30% menores que os dos homens na mesma função. São as primeiras a serem demitidas e ainda foi registrado um significativo aumento na violência doméstica.

A luta contra a violência policial, pelo fim da polícia e contra o assassinato de negros no Brasil e nos EUA têm mobilizado centenas de milhares de jovens contra o sistema capitalista e o racismo.

Assim como tem atacado os direitos da classe trabalhadora e piorado as condições de vida das mulheres, LGBTs e negros, o capitalismo ataca de maneira cada

vez mais brutal nosso direito à educação, à ciência e à cultura. Os cortes de orçamento estão levando ao fechamento de universidades públicas, à redução de bolsas de pesquisa, ao incêndio de patrimônios como o Museu Nacional e a Cinemateca Brasileira e à privatização da educação em todos os níveis.

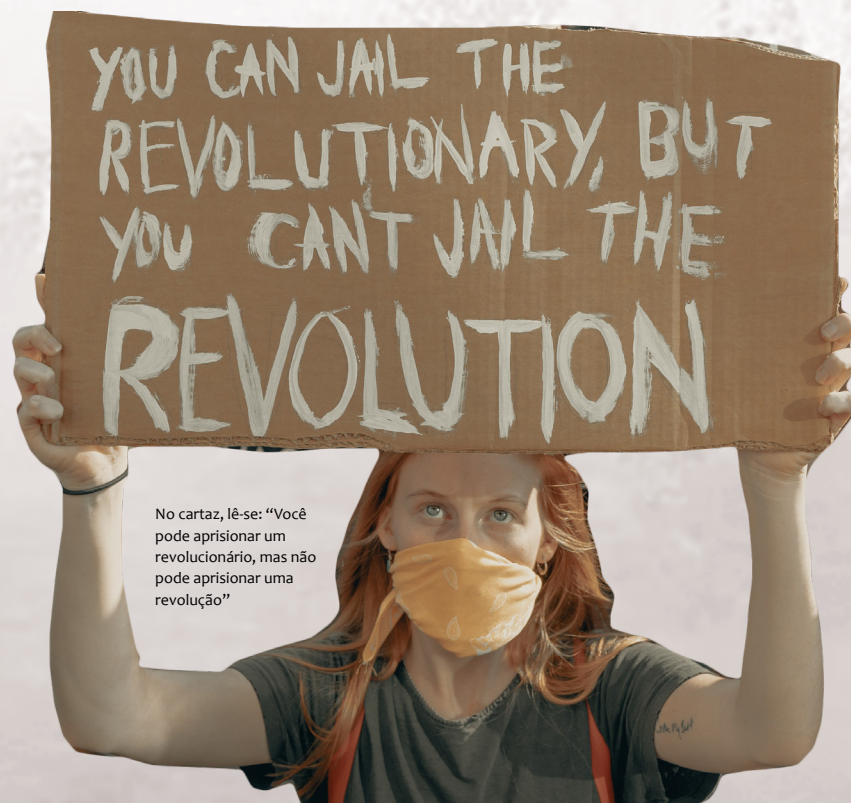
O governo Bolsonaro segue com sua agenda de ataques à classe trabalhadora e à juventude, entre eles a PEC 32 da reforma administrativa, que leva o fim da estabilidade aos servidores, a ampliação da privatização e terceirização e retirada de direitos e benefícios. Ao mesmo tempo, as direções tradicionais da classe trabalhadora constituem um bloqueio para a unidade e organização dos trabalhadores na construção de uma greve geral, para pôr abaixo Bolsonaro.

Nessa conjuntura, esperar até 2022 parece ser uma opção apenas para aqueles que não acreditam mais na classe trabalhadora e em seu potencial revolucionário. A necessidade de pôr abaixo Bolsonaro e todo seu governo é uma necessidade urgente, assim como também é urgente pôr abaixo todo esse sistema porque não tem nada a oferecer a jovens e trabalhadores.

É necessário preparar a juventude para tempos revolucionários! Participe da Conferência Nacional da Liberdade e Luta e junte-se a nós na luta pela revolução e pelo socialismo! Dia 23 de outubro, das 9h às 17h15!

## PROGRAMAÇÃO (23/10/2021)

09:00 – 09:30: Abertura - Homenagem a Revolução Russa  
 09:30 – 12:30: Situação mundial e no Brasil: a juventude em tempos de revolução!  
 12:30 – 14:00: Almoço e descanso  
 14:00 – 16:00: Preparar a juventude para tempos revolucionários!  
 16:00 – 16:30: Cinco anos da Liberdade e Luta  
 16:30 – 17:00: Eleição da Coordenação Nacional da Liberdade e Luta 2021-2022  
 17:00 – 17:15: Encerramento



No cartaz, lê-se: "Você pode aprisionar um revolucionário, mas não pode aprisionar uma revolução"

**FAÇA SUA INSCRIÇÃO!**



# Entrevista com um maquinista grevista da CPTM

No dia 24 de agosto, os ferroviários de três das sete linhas da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM) fizeram uma greve que deixou de transportar milhões de passageiros no principal centro político e econômico do país. Esta greve foi deflagrada claramente contra a vontade da direção do sindicato e expressou um importante ímpeto de luta da base da categoria, que paralisou as linhas sem nenhum tipo de orientação e auxílio da direção sindical. Vamos conversar com Lucas Dametto, maquinista da CPTM e coordenador do Comitê de Luta Contra a Privatização da CPTM.

**Lucas, quais eram as reivindicações dos trabalhadores quando decidiram entrar em greve?**

Os dirigentes sindicais só queriam pleitear a PPR – isso está diretamente ligado aos interesses da burocracia no recebimento das contribuições compulsórias –, mas a categoria reivindicava também o reajuste de salários. O valor pleiteado era o oferecido pela Justiça em dissídio anterior de 4% para o ano anterior – 2020 – e 6% para 2021, assim como o pagamento do retroativo desse período.

**Já havia ocorrido uma outra greve em 15 de julho em outras linhas da CPTM. Por que essa divisão? Por que todas as linhas não entraram em greve juntas?**

A divisão na categoria é histórica e fruto dos interesses das burocracias sindicais. Atualmente existem dois blocos: um ligado à UGT que abrange os sindicatos das linhas 8 e 9 (Sorocabana) e 7 e 10 (Ferroviários de São Paulo); e outro ligado à CUT, com o Sindicato da Central do Brasil que representa os trabalhadores das linhas 11, 12 e 13. Essas divisões são completamente alheias à categoria, que já expressou diversas vezes o interesse de unificação da luta que é comum a todos os ferroviários. Essas divisões respondem em primeiro lugar à busca de cada uma dessas direções de garantir uma fonte de renda a partir das bases territoriais e da legitimidade emanada não dos trabalhadores, mas sim do Estado burguês.

**Com os trens parados na manhã de 24 de agosto,**



**milhões de passageiros ficaram sem acesso a este modal de transporte e a pressão sobre o governo foi enorme. Como o governo reagiu a isso?**

O governo Doria, através de seu secretário de Transportes, Alexandre Baldy, reagiu da única maneira que sabe: calunianando os trabalhadores e reprimindo o movimento. Baldy anunciou que haviam sido efetuadas 10 demissões de grevistas para “dar o exemplo” e anunciou em seu Twitter que irá privatizar as linhas 11, 12 e 13 da CPTM.

**Essa ameaça de demitir os grevistas e de privatizar as linhas paralisadas fez o movimento recuar?**

Ao contrário, essa ameaça radicalizou o movimento que passou a exigir da direção do sindicato a continuidade da greve enquanto Baldy não voltasse atrás das demissões.

**Todos vimos a negociação entre um diretor do sindicato e o secretário de Transportes do governo Doria mediada pelo Datena, ao vivo em rede nacional de TV. Era possível ver que o diretor do sindicato estava muito pressionado pela base a ser firme quanto à nova reivindicação de cancelamento das demissões. Pode nos contar como se deu esse processo?**

O que é muito interessante sobre esse processo é que no

decorrer do dia 24, o Sindicato Central do Brasil não soltou uma única nota chamando os trabalhadores para o sindicato. Apenas o nosso Comitê de Luta Contra a Privatização chamou os trabalhadores. Se dependesse da direção do sindicato, a assembleia no momento das negociações estaria esvaziada. Felizmente não estava e todos os presentes fizeram uma pressão enorme pela continuidade da greve. Como o próprio diretor fez questão de reiterar diversas vezes na TV, “os trabalhadores que estão irredutíveis”, deixando claro que se fosse por ele e a direção do sindicato, a greve já teria sido encerrada. Só aceitamos encerrar a greve quando ao vivo na TV em rede nacional o Baldy se comprometeu em dar o reajuste e cancelar as demissões.

**No dia seguinte, você e outros 12 maquinistas continuavam demitidos. Ou seja, o governo não honrou a sua palavra. Obviamente, diante disso, o sindicato deveria retomar a greve imediatamente. Qual foi a reação dos dirigentes sindicais?**

A direção do sindicato se limitou – depois de muito barulho da base – a emitir uma nota genérica onde dizia “nenhum ferroviário fica para trás” sem a indicação de uma data de nova assembleia ou qualquer medida concreta.

**tica antissindical por parte do governo Doria e da direção da CPTM. Na primeira vez você foi demitido por “justa causa” e só foi readmitido depois de uma vitória num processo na Justiça do Trabalho, certo? Mesmo assim você não arredou o pé da luta. Que mensagem você pode dar aos trabalhadores e jovens que hoje veem os seus direitos e conquistas sendo atacados pelo governo Bolsonaro e a classe dos patrões?**

Chamo todos os trabalhadores e jovens que desejam sinceramente transformar o mundo que também não arredem o pé! Nós somos a força e a esperança da construção de uma nova sociedade. Mas o que me deu forças para conseguir resistir a toda a perseguição e repressão foi ser membro de um coletivo fortíssimo em seu programa e métodos, que é a Esquerda Marxista.

Essas greves da CPTM mostraram que é possível superar a crise de direção do proletariado a partir de uma intervenção centralizada e firmemente localizada no terreno do marxismo revolucionário. Por isso, chamo todos os ativistas trabalhadores e jovens a dar um passo na superação desse problema e construir a organização revolucionária do proletariado. Conhecer e se juntar à Esquerda Marxista, seção brasileira da Corrente Marxista Internacional, para construir a direção revolucionária capaz de organizar a luta em direção ao socialismo e a revolução internacional.

**Qual foi a atitude do Comitê de Luta Contra a Privatização da CPTM que você coordena?**

Nós começamos imediatamente uma agitação por uma assembleia extraordinária para retomar a greve imediatamente, que não apenas foi combatida pela direção como provocou sua fúria contra nós. E foi o nosso boletim pela retomada da greve que fez o governo recuar e finalmente cancelar as demissões em 27 de agosto.

**Lucas, você já foi demitido duas vezes da CPTM e reintegrado duas vezes. As duas vezes claramente por perseguição política e prá-**



Valter Campanato/Agência Brasil



# Podcast da Esquerda Marxista debaterá a Revolução de Saur de 1978

| Chico Aviz

No último dia 15 de agosto, o mundo assistiu à cínica traição do imperialismo norte-americano com a retirada de suas tropas e governo títere do Afeganistão, possibilitando a instauração do regime teocrático do Talibã. Entre essas disputas está a classe trabalhadora, sufocada por dois inimigos. Contudo, os trabalhadores afegãos possuem uma história de luta e conquistas que não pode ser esquecida, sintetizada na Revolução de Saur de 27 de abril de 1978.

As revoluções são os acontecimentos que não param de reverberar e o processo de Saur (Primavera) é um evidente exemplo disso.

Historicamente, a região do Afeganistão convive com despotismos e opressões imperialistas, mas sua revolução de 1978 demonstrou a possibilidade das massas trabalhadoras desse país ousarem libertar-se dos séculos de violência. Apesar de não ter sido uma revolução socialista do ponto de vista marxista, pois foi realizada por uma insurreição revolucionária do exército, sendo inerente suas debilidades organizacionais e políticas, a Revolução de Saur foi contundente contra os resquícios feudais e o tribalismo, a opressão religiosa e a exploração capitalista. Isto é, mesmo que tenha sido uma “revolução por decreto”, as massas trabalhadoras não tiveram dúvidas em apoiá-la e tê-la como sua.

Assim, os trabalhadores afegãos conquistaram o cancelamento de suas dívidas indevidas, como de empréstimos, hipotecas e aluguéis aos latifundiários; o confisco de terras dos senhores feudais e da monarquia; o saneamento básico e as cooperativas camponesas; campanhas de alfabetização; a igualdade entre homens e mulheres contra as relações patriarcais e feudais; eliminação do casamento forçado e infantil, por troca de dinheiro e propriedade; entre outros avanços sob a direção da fração dos Khalqis do Partido Democrático do Povo do Afeganistão (PDPA).



Todos estes decretos revolucionários foram feitos pelos afegãos antes da invasão das tropas da burocracia soviética, que não foi aceita pela fração de esquerda do PDPA (Khalqis), representada por Nur Mohammed Taraki. As discordâncias desse dirigente

levou-o ao assassinato, possivelmente, pelas mãos dos agentes da KGB e da fração Parcham do PDPA, ligada a Moscou. Com isso, vemos que esta revolução demonstrou o que Trotsky explicou ao dizer que as tarefas básicas da revolução democrático-burguesa se tornaram as tarefas da revolução socialista e em permanência.

Obviamente, a revolução afegã abalou as classes dominantes no Oriente Médio e em Washington, que realizaram toda a reação necessária para esmagar a luta pelo poder operário no país. Esse empreendimento imperialista financiou e deu vida ao Mujahideen e, posteriormente, ao Talibã, que foram seus aliados terroristas ao longo dos dez anos de ocupação soviética, que se retirou do Afeganistão por completo em 15 de fevereiro de 1989.

Somente o marxismo é capaz de explicar corretamente, do ponto de vista proletário, esses acontecimentos, pois será com uma revolução socialista que o povo afegão varrerá imperialistas, fanáticos religiosos, suas guerras e misérrimas. Para que essa fundamental formação seja aprofundada, **o próximo episódio do Podcast da Esquerda Marxista, que vai ao ar dia 7 de setembro, irá tratar da Revolução de Saur** e das lições que ficaram, para que a classe trabalhadora afegã possa se libertar da opressão do imperialismo e do Talibã.

## Atividade debate revolução na Espanha

| Michel Goulart da Silva

Foi realizado, no dia 28 de agosto, sábado, mais um módulo da Universidade Marxista Brasil (UMB). Essa atividade esteve centrada em discutir a Revolução e a Guerra Civil na Espanha, na década de 1930.

Na atividade foi debatida a dinâmica do processo revolucionário na Espanha, marcado por contradições econômicas e políticas, pelo ascenso do fascismo, pela questão das nacionalidades, entre outros temas. Além disso, foi demonstrado o papel traiçoeiro, cumprido pela direção das organizações socialistas, comunistas e anarquistas.

Essa foi a segunda atividade da UMB, centrada, nesse ano, em discutir o tema História das Revoluções. No dia 30 de maio, foi realizada uma primeira atividade para discutir a Comuna de Paris e sua importância para a história do movimento operário.

Ainda em 2021, ocorrerão outros dois módulos da UMB. Em outubro será debatida a Revolução Russa e, em dezembro, a Revolução Alemã.

[Inscrição para o próximo módulo clicando aqui.](#)

**Para saber mais:**

- [Revolução Russa \(1917-2017\)](#)
- [Cem anos da Revolução Alemã](#)

**Participe das próximas atividades!**

**30/10/2021:**  
Revolução Russa (1905 e 1917)

**11/12/2021:**  
Revoluções Alemãs (1918-19 e 1923)

**19/02/2022:**  
Revolução Cubana (1959-60)

**30/04/2022:**  
Revolução Boliviana de 1952

**25/06/2022:**  
Coluna Prestes (1924-27), Revolução de 30 e Intentona Comunista (1935)

**27/08/2022:**  
Revoluções Chinesas (1927 e 1949)



# Venezuela: liberdade para os trabalhadores presos por lutar

| Corrente Marxista Lucha de Clases – CMI Venezuela

A seguir, apresentamos um relato dos casos mais relevantes de repressão antioperária e de prisões arbitrárias de trabalhadores em luta ou que foram usados como bodes expiatórios para encobrir a corrupção dentro do aparelho de Estado. A seção venezuelana da CMI, Lucha de Clases, como entidade que faz parte do Comitê de Familiares e Amigos pelos Trabalhadores Presos, tem apoiado a luta pela liberdade desses companheiros. Nesse sentido, apelamos ao movimento operário e à esquerda mundial a se solidarizarem com a luta pelo resgate dos direitos trabalhistas e políticos da classe trabalhadora venezuelana.

que foram detidos por uma equipe da Guarda Nacional. Estes companheiros haviam feito denúncias sobre a violação de várias cláusulas contratuais em matéria de saúde, bem como sobre a corrupção na Petróleo de Venezuela (PDVSA). Até hoje ambos os trabalhadores são mantidos detidos domiciliarmente, sob medidas de benefício processual.

De forma muito semelhante, o mesmo ocorreu com Bartolo Guerra: detido em 05 de maio de 2020, na sede da PDV Marina. Guerra denunciou as deploráveis condições de trabalho na empresa, que envolviam períodos de trabalho de 40 dias contínuos sem um dia livre e sem que a empresa proporcionasse alimentos ou água aos empregados durante uma semana. Os trabalhadores assinalam que a prisão ocorreu a pedido de César Romero, presidente da PDV Marina.

Luis Cárdenas foi detido arbitrariamente por quase dois anos. No momento de sua prisão, atuava como Gerente Funcional de Auditoria, Comércio e Negócios Internacionais da PDVSA e foi acusado de promover o ódio, por porte ilícito de arma de fogo, ocultação de munições, revenda de produtos, simples contrabando e lavagem de dinheiro, sem quaisquer meios de prova para sustentar tais acusações. Graças à luta do Comitê, Cárdenas foi libertado sob regime de arquivamento judicial em junho passado.

Um caso tristemente emblemático de criminalização do movimento operário no país é o de Rodney Álvarez. No momento da sua detenção, Álvarez era funcionário da Ferrominera e atuava como colaborador ativo nas comissões de trabalho do seu sindicato, embora não



fizesse parte do conselho de administração.

Em junho de 2011, durante uma assembleia sindical, vários homens armados invadiram o local da reunião atirando contra os participantes, com o objetivo de aterrorizá-los e dispersar a reunião. Embora o responsável pelo ataque tenha sido detido, ele foi posteriormente libertado, enquanto Álvarez foi colocado atrás das grades desde então. Após 10 anos sem a primeira audiência sobre Rodney, em junho de 2021 ele foi apresentado aos tribunais pela primeira vez, sendo condenado a 15 anos de prisão – sem contar os 10 anos que já estava detido sem julgamento. Um verdadeiro crime contra os direitos humanos e as liberdades fundamentais da classe trabalhadora.

Vanessa Rosales, uma renomada feminista e ativista de esquerda pelos direitos das mulheres no estado de Mérida. Vanessa apoiou uma menina de 13 anos que foi estuprada por um vizinho e amigo da família. A gravidez estava até causando problemas de saúde na menina, e um aborto foi realizado sob as medidas de

higiene e segurança que tal operação exige.

A ativista foi presa e colocada atrás das grades. Graças à luta travada pela própria companheira e por um grupo de coletivos feministas da Venezuela e de fora do país, conquistou sua liberdade. Isso se constitui num importante precedente jurídico para futuras lutas das companheiras por seus direitos. O estupro da garota ainda está em liberdade. Como podemos ver, a prioridade do Estado era prender uma camarada que defendia os direitos e a saúde de uma menina estuprada, e não o estupro.

## Outros casos

O auge da repressão ao movimento operário pelo governo de Maduro não é um fenômeno que se isola em alguns casos espe-

cíficos. Pelo contrário, é um fenômeno geral e um claro sintoma do processo de degeneração política da direção bolivariana em linhas burguesas, antioperárias.

Na medida em que o governo aplica um plano de ajuste para “resolver” a brutal crise econômica em que vive o país – sobre a qual o bloqueio imperialista sem dúvida tem um peso importante –, fez-se necessário o aparato repressivo do Estado burguês para conter a resposta operária e popular, que tal manobra tem provocado entre os trabalhadores. Deste modo, surgem cada vez mais casos de trabalhadores detidos, despedidos e intimidados por funcionários das forças de segurança, muito maiores do que os que atualmente formam o comitê.



**Apelamos ao movimento operário e à esquerda mundial a se solidarizarem com a luta pelo resgate dos direitos trabalhistas e políticos da classe trabalhadora venezuelana.**

Em 28 de janeiro de 2020 foi realizada uma assembleia de trabalhadores do petróleo na refinaria El Palito, no estado de Carabobo, que tinha como propósito a construção de um plano de recuperação da indústria. Entre os dirigentes sindicais presentes estavam Marcos Sabariego e Gil Mujica,